

CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA ORAL PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ENSINO DE ARTE DEMOCRÁTICO, ANTIRRACISTA E INTERCULTURAL, NO ENSINO SUPERIOR E NA EDUCAÇÃO BÁSICA¹

Sumaya Mattar²

RESUMO

Com o objetivo de contribuir para a problematização e o redimensionamento do conceito de ensino e aprendizagem da arte e alimentar ações educativas que incluam a diversidade e a multiplicidade de códigos estéticos e formas de expressão e aprendizagem a partir da experiência vivida, vimos coletando e arquivando, com estudantes de licenciatura em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da USP, por meio da História Oral, histórias de pessoas cujas vozes, de modo geral, não compõem as narrativas oficiais sobre o ensino da arte no Brasil. O ensino de arte – tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior – tem resistido a assimilar obras, produções, formas de aprender e ensinar, modos de fazer e saberes tradicionais oriundos de contextos não acadêmicos, situação que, direta ou indiretamente, colabora com o silenciamento de inúmeras vozes, o apagamento de grupos historicamente subalternizados e o fortalecimento de valores estéticos hegemônicos, encontrados em profusão em programas curriculares, livros didáticos e materiais pedagógicos. O presente projeto, que é tanto de pesquisa quanto de formação, nasceu da preocupação e do incômodo com esta situação. Isso porque o fazer artístico e o senso estético são inerentes aos seres humanos e independem de classe, credo, etnia, gênero e ideologia, fato que coloca em xeque ideias em torno da atividade artística ainda em circulação, onipresentes na formação de artistas, educadores, historiadores, curadores e críticos de arte, que acabam por naturalizar as desigualdades de oportunidades de acesso à aprendizagem e à fruição da arte, bem como o preconceito, a exclusão e o apagamento de experiências, narrativas e produções simbólicas não alinhadas aos parâmetros estabelecidos pelas instâncias de poder. Os cursos de arte, de modo geral, ainda reforçam tais parâmetros, formando profissionais que os reproduzem em suas atividades, daí a importância da História Oral nestes contextos de formação.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral; Ensino de Arte; Decolonialidade; Antirracismo; Interculturalidade; Formação de Professores.

Introdução

A arte, como forma de expressão humana, possui uma riqueza intrínseca que transcende fronteiras geográficas e temporais. No entanto, determinadas narrativas dominantes e perspectivas eurocêntricas são privilegiadas no meio artístico e acadêmico, reproduzindo uma abordagem excludente que limita a compreensão da diversidade artística e perpetua estereótipos e preconceitos. Com a luta dos movimentos sociais, que resultou, entre outras conquistas, na promulgação de leis antirracistas e em políticas afirmativas, este cenário

¹ "Trabalho apresentado no Simpósio Temático "História oral e memória das artes, da cultura e da criatividade", durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo Mundo".

² Universidade de São Paulo; Doutora em Educação; sumayamattar@usp.br

começa a mudar, mas ainda há muito por fazer. Isso significa que precisamos repensar as estruturas institucionais, os currículos escolares e as metodologias de ensino e criar espaços para o diálogo intercultural e o reconhecimento das diferenças como uma riqueza cultural. A História Oral tem muito a contribuir neste sentido, pois oferece um espaço para que diferentes grupos étnicos, culturais e sociais narrem e compartilhem suas experiências, seus conhecimentos e visões de mundo, afirmando-se como um meio potente para a formulação de respostas à exclusão, das narrativas oficiais, da contribuição de pessoas e grupos de pessoas que não fazem parte dos meios acadêmico e artístico, portadoras de experiências de vida, muitas vezes, marcadas por lutas e sofrimentos, por meio das quais teceram conhecimentos e saberes genuínos que precisam ser amplamente valorizados e disseminados. As narrativas orais tem o poder de fazer ecoar estas vozes, criando fricções nos espaços de poder e estendendo o conhecimento sobre arte em todas as suas manifestações, bem como sobre as histórias individuais e coletivas que a compõem. Essa amplificação de vozes múltiplas e diversas é determinante para o reconhecimento da multiplicidade de perspectivas e formas de conhecimento que permeiam a produção e a aprendizagem artística, por isso o trabalho com a História Oral na formação inicial de professores de arte e pesquisadores é de grande relevância.

Além de possibilitar a produção de fontes primárias, quando incorporada como método ou ferramenta nos contextos acadêmicos de formação, a História Oral promove uma aprendizagem viva, colaborativa, conectada com o mundo contemporâneo, cria agenciamentos poderosos entre as pessoas, contribui para a desconstrução de estereótipos arraigados e a valorização de diferentes culturas, grupos étnicos e movimentos sociais. Como resultado primeiro, quase imediato, o uso da História Oral em contextos de formação em arte, incentiva a realização de pesquisas relevantes para a sociedade, produz fontes primárias genuínas, criando condições objetivas e subjetivas para a elaboração de currículos de arte inclusivos, plurais, democráticos, interculturais e antirracistas. Com este propósito, desde 2018, vimos trabalhando com a História Oral na graduação em Artes Visuais como “ferramenta”, “método” e “modo de saber”. (MEIHY e HOLANDA, 2022, p. 63). Neste texto, apresentaremos um pouco do que vimos realizando nesta perspectiva. Primeiramente, explicaremos como estão estruturadas as duas disciplinas-lócus do referido trabalho, em seguida, apresentaremos os conteúdos de três entrevistas realizadas por estudantes de licenciatura em Artes Visuais com três mulheres indígenas, que muito nos ensinam sobre a

importância e a especificidade do trabalho com as artes e as culturas indígenas na Educação Básica.

Para escutar vozes múltiplas e diversas em arte e educação

O trabalho com a História Oral que realizamos é majoritariamente desenvolvido em duas disciplinas que estão sendo oferecidas neste primeiro semestre de 2023 de forma integrada, envolvendo uma turma de graduação e uma turma de pós-graduação em Artes Visuais, em total articulação com o projeto de pesquisa denominado “Acervo de múltiplas vozes: narrativas de experiências com arte e educação”, que teve início quando nos damos conta de que a construção de um ensino de arte democrático, antirracista e intercultural exigia de nós um olhar atento à formação inicial de professores de Arte e, conseqüentemente, ações político pedagógicas concretas. Assim surgiram as duas referidas disciplinas, que são, respectivamente, “História do Ensino de Arte no Brasil: trajetória política e conceitual e questões contemporâneas” e “A História Oral na construção de um ensino de arte decolonial e pluriversalista”. A disciplina “História do Ensino de Arte no Brasil: trajetória política e conceitual e questões contemporâneas” foi oferecida pela primeira vez em 2018, e, desde então, ano a ano, vem sendo aprimorada. Seu principal objetivo é situar historicamente e problematizar as diversas concepções e práticas do ensino e da aprendizagem da arte no Brasil, refletindo sobre suas mudanças ao longo do tempo e estabelecendo relações com as políticas educacionais e os panoramas artísticos, culturais e políticos de cada época. Os estudantes realizam leituras de autores clássicos da área de arte e educação, assim como autores contemporâneos que abordam questões relacionadas à colonialidade no campo do ser, do saber e do poder e desenvolvem um projeto de História Oral individual ou em grupo, cujo ápice é a apresentação dos resultados para a turma por meio de um audiovisual. O projeto também envolve a transcrição das entrevistas, que são alocadas no Portal GMEPAE³, e a escrita de um texto que fará parte de um livro digital da turma⁴. O programa da disciplina contempla diferentes temas, tais como o entrecruzamento da história pessoal à história social, a historicidade do ensino da arte, a inclusão das culturas indígenas e afro-brasileiras no ensino de arte, o colonialismo e a colonialidade na arte e na educação, pedagogias decoloniais e

³ Os materiais produzidos ao longo da pesquisa, que ainda está em andamento, podem ser encontrados no Portal do Grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação (GMEPAE), na seção “Acervo de Múltiplas Vozes”: <https://gmepae.com.br/acervo-multiplas-vozes/>

⁴ Os livros já publicados podem ser baixados no Portal de Livros Abertos da USP: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/search?query=sumaya+mattar>
Os audiovisuais e as transcrições estão disponíveis no Portal GMEPAE: <https://gmepae.com.br/acervo-multiplas-vozes/entrevistas/>

experiências de aprendizagem da arte em contextos não acadêmicos, como o meio artesanal, a cultura popular, os movimentos artísticos e os movimentos sociais, entre outros, além da História Oral como recurso para a construção de memórias e fontes primárias para a pesquisa e o ensino. A disciplina “A História Oral na construção de um ensino de arte decolonial e pluriversalista” faz parte do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e está sendo oferecida pela primeira vez neste primeiro semestre de 2023. Assim como a outra, a disciplina se dedica à produção de fontes primárias por meio da História Oral, priorizando experiências com arte e educação de pessoas e grupos pouco estudados no espaço acadêmico. Seu objetivo principal é fomentar a realização de pesquisas que contribuam para o desenvolvimento de um ensino de arte que enfrente questões identitárias e étnico-raciais, recusando a naturalização de códigos e valores estéticos hegemônicos, bem como o apagamento das contribuições de migrantes, povos originários e afrodescendentes, entre outros grupos marginalizados. Os conteúdos abordados nesta disciplina são os mesmos referentes à disciplina de graduação já citada, com especial atenção ao uso da História Oral como recurso para a construção de memórias e fontes primárias para a pesquisa e o ensino. Ambas as disciplinas, portanto, buscam promover uma reflexão crítica sobre o ensino de arte no Brasil, utilizando a História Oral como uma ferramenta de pesquisa e formação. Dentre as temáticas que são trabalhadas pelos estudantes pesquisadores, estão: histórias de família; gênero e diversidade; migração; arte, cultura e educação nas periferias; educação especial; educação de jovens e adultos; universo artesanal; educação na pandemia; pessoas indígenas em contexto urbano; artistas contemporâneos afrodescendentes e a situação das infâncias na contemporaneidade. Trata-se de temáticas que tangenciam as próprias histórias de vida dos estudantes, possibilitando o conhecimento de si e dos outros e a relação das histórias pessoais com a história social. A integração das duas turmas é algo inusitado na Universidade e tem se mostrado um recurso importante para os objetivos propostos. A convivência entre estudantes de graduação e de pós-graduação estudando, refletindo e pesquisando juntos, tendo como fio condutor a preparação e a realização de entrevistas com pessoas escolhidas por eles, que dão origem à produção de um audiovisual e à elaboração de um artigo que fará parte do livro das turmas, faz com que o processo de formação ocorra de forma colaborativa e sem hierarquias em função do grau ou da área de formação dos estudantes, possibilitando que mestrandos e doutorandos de áreas diversas ensinem e aprendam durante a convivência com estudantes de graduação em Artes Visuais.

Esta abordagem que integra, em uma mesma turma, graduandos e pós-graduandos, atrelada ao projeto de pesquisa “Acervo de Múltiplas Vozes: narrativas de experiências com arte e educação”, é muito recente e ainda está em andamento, portanto será analisada ao final desta primeira experiência, mas já temos elementos suficientes para afirmar que a nossa hipótese inicial, formulada em 2018, quando inauguramos a referida pesquisa e oferecemos pela primeira vez a disciplina da graduação, de que a História Oral permitiria a formação de professores capazes de praticar um ensino de arte mais significativo, em consonância com as questões do tempo presente, de forma a contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática, justa e igualitária, estava correta. Isso porque a qualidade dos textos e dos audiovisuais produzidos pelos participantes, os planos de aula elaborados por aqueles que realizam estágios supervisionados em escolas, que são acompanhados por nós em outras disciplinas, ou daqueles que já são professores, e os temas e conteúdos dos trabalhos de conclusão de curso de graduação (TCC) de quem já cursou a disciplina são de inegável qualidade e demonstram que estamos no caminho certo, construindo de forma coletiva, com o auxílio da História Oral, uma pedagogia de formação que pode ser compreendida como contra colonialista, por oferecer de forma coerente com os princípios que a sustentam contribuições concretas para que educadores, artistas e pesquisadores formulem, proponham e pratiquem um ensino de arte democrático, antirracista e intercultural. Por ensino de arte democrático compreendemos aquele que está comprometido com o papel social crítico, libertador, dialógico da arte e da educação, prezando pela igualdade de condições de acesso ao patrimônio cultural da humanidade, valorizando e respeitando as diversidades e a liberdade de experimentação. Um ensino pautado em princípios de coletividade e no trabalho colaborativo, sem desrespeitar as individualidades. Um ensino de arte antirracista é aquele que se faz por meio da prática contínua de ações pedagógicas libertadoras rigorosamente selecionadas, fundamentadas em princípios éticos humanísticos que fazem uso de obras, práticas, ideias, teorias e discursos que repudiam e denunciam veementemente toda e qualquer forma de manifestação de racismo, xenofobia, expressão de superioridade de uns em detrimento de outros, de preconceito e subjugação de indivíduos, grupos e formas de conhecimento, comportamento, manifestação e expressão. Um ensino de arte intercultural, por sua vez, é aquele que valoriza e coloca em circulação, relação e diálogo códigos e formas de expressão e de produção de conhecimento plurais e diversos, abrangendo modos de vida e saberes práticos e teóricos pertinentes a pluriversos artístico-culturais, donde se incluem, entre outras,

produções simbólicas comumente marginalizadas, como por exemplo, as que se dão nas periferias e entre pessoas e grupos em situação de migração e exclusão social.

Esta forma de pensar o ensino de arte está em consonância com as questões com que os educadores em Arte se defrontam em suas práxis diárias, seja trabalhando em escolas, seja trabalhando em projetos sociais, museus e instituições culturais. Trata-se de uma perspectiva formativa complexa, que não se resolve meramente com a prescrição de livros didáticos, materiais instrucionais e cartilhas a serem seguidas pelos professores, pois pressupõe envolvimento, comprometimento, vivências, estudos, debates, trabalho coletivo, conhecimento da realidade, entre muitas outras coisas. Assim, não existe fórmula mágica. É uma pedagogia que exige dos formadores um trabalho contínuo, minucioso, artesanal, que promova, além de estudos, vivências e reflexões, o planejamento de ações transformadoras nas realidades - um trabalho que preza pela igualdade de condições de acesso ao patrimônio cultural, valorizando e respeitando as diversidades e a liberdade de experimentação, pautado em princípios de coletividade e no trabalho colaborativo.

Propor um ensino de arte democrático, antirracista e intercultural é, pois, mudar, primeiramente, o ensino de arte praticado na Universidade, intervindo na formação inicial de profissionais que atuarão em diversos contextos educativos, entre os quais, a Educação Básica, e isso se faz por meio de práticas contínuas de ações pedagógicas fundamentadas em princípios éticos humanísticos, que faça uso de obras, práticas e ideias que promovam a valorização de todas as formas de saber, em especial, as advindas das culturas originárias, e denunciem as desigualdades sociais e a opressão sofrida por grupos historicamente marginalizados. Não resta dúvida de que esta perspectiva transformadora é potencializada pelo uso da História Oral e de que representa uma forma concreta de promoção de uma educação em arte que seja de fato libertadora para todos os envolvidos no processo educativo. Com o objetivo de demonstrar um pouco do que podemos aprender com a História Oral em contextos de formação inicial de professores de Arte, apresentaremos, a seguir, algumas reflexões propiciadas pelas entrevistas realizadas por estudantes de Artes Visuais com três mulheres indígenas.

Maria da Luz Higino de Mesquita

No primeiro semestre de 2022, Luca de Andrade Ribeiro realizou uma entrevista com Maria da Luz Higino de Mesquita. Maria da Luz é uma indígena Potiguara que vive há anos na cidade de São Paulo, mas sempre visita sua aldeia natal, Tracoeira, na Paraíba. Na

entrevista, ela conta algumas de suas diversas histórias, sempre ressaltando e comentando as diferenças entre sua infância em Tracoeira, sua vida atual na capital paulista e a situação de sua aldeia no tempo presente, muito diferente de como era antigamente. Maria da Luz é mãe de Alexsandro Cosmo de Mesquita, cuja entrevista também foi realizada por Luca e cuja transcrição e audiovisual estão disponíveis na íntegra no Portal GMEPAE.⁵ Durante a entrevista, foram examinados diversos aspectos que revelam detalhes importantes de vida, história e condições de vida de Maria. Suas respostas revelam a realidade e perspectiva de uma comunidade indígena em relação a questões como transporte, saúde, educação, mudanças na aldeia e impacto do turismo. Maria rememorou sua infância, destacando as dificuldades enfrentadas pela comunidade indígena em relação ao acesso a transporte e saúde. Ela descreveu como, inicialmente, não havia estradas na região, e quando um carro se aproximava, as pessoas se escondiam com medo, pois não estavam familiarizadas com a chegada de pessoas de fora. Essa falta de contato e conhecimento sobre o mundo exterior contribuiu para o medo dos indígenas em relação a estranhos. Com a construção das estradas, o cenário mudou. Maria mencionou a importância desse desenvolvimento para melhorar a vida na aldeia. As estradas permitiram o acesso a serviços de saúde, como a vacinação contra doenças como a malária, que antes era uma grande preocupação para a comunidade. Ela enfatizou que, antes dessas melhorias, eles não tinham conhecimento sobre a existência de órgãos governamentais, como a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e a SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena), que funcionam para garantir a saúde e o bem-estar das comunidades indígenas. A questão do turismo também foi abordada por Maria. Enquanto algumas pessoas da comunidade gostam da presença de turistas e recebem bem essas visitas, outras não têm a mesma opinião. Essa diversidade de reações sugere a existência de diferenças encontradas dentro da comunidade em relação ao turismo e seus efeitos. Maria falou sobre a importância da preservação da natureza e do meio ambiente na aldeia. Ela destacou a beleza das paisagens naturais, dos rios e das matas, e expressou sua preocupação com o combustível ambiental. Sua conexão com a natureza e a valorização do ambiente natural são elementos centrais em sua história e experiência de vida. Ao analisarmos a história de Maria, podemos aprender sobre as transformações que ocorreram na vida das comunidades indígenas com o passar do tempo. Seu relato revela os desafios enfrentados, como a falta de acesso a serviços básicos e o medo do desconhecido, mas também aponta para o progresso

⁵ <https://gmepae.com.br/acervo/mas-agora-nao-agora-e-diferente-historias-de-uma-indigena-potiguara-em-tres-espaco-tempos-diferentes/>

alcançado, com a construção de estradas, a melhoria dos serviços de saúde e a maior conscientização sobre os direitos indígenas.

Para os futuros professores de arte, em especial para Luca, que a entrevistou, essa história oferece oportunidades valiosas de aprendizado. Entre outros ensinamentos, a experiência de Maria destaca a importância de defender e proteger as culturas indígenas, suas tradições e seus conhecimentos. A entrevista trouxe à tona uma série de apresentações relevantes sobre a vida, história e perspectivas de uma mulher indígena. Seu relato revelou uma transformação vivida pela comunidade em relação a aspectos como transporte, saúde e turismo, além de ressaltar a importância da preservação ambiental. Além disso, a história de Maria nos lembra da importância de ouvir e dar voz às pessoas indígenas. Suas palavras revelam uma perspectiva única e autônoma, transmitindo não apenas informações sobre sua comunidade, mas também suas experiências pessoais e sua conexão profunda com a terra e a natureza. Ao abordar esse tema em sala de aula, o professor de arte pode promover a diversidade cultural, incentivar a preservação do meio ambiente e fomentar o respeito mútuo entre diferentes comunidades, tendo a oportunidade de romper estereótipos e preconceitos enraizados em relação às comunidades indígenas, fomentar um diálogo intercultural enriquecedor, quebrar barreiras de conhecimento e desmistificar ideias equivocadas, incentivando os alunos a apreciar a diversidade estética e promovendo um maior entendimento da riqueza e complexidade dessas tradições.

Nikita Guarani Nhandeva

Em entrevista realizada por Naomi Akimoto Iria, no primeiro semestre de 2021, Nikita Guarani Nhandeva, mulher indígena, ativista, professora e artista, que vive no contexto urbano, narra as dificuldades que teve de enfrentar por ter sido retirada de sua aldeia em Porto Lindo (MS), após a morte de seus pais, e ter sido adotada por um casal na cidade de Valinhos (SP). Uma história de luta e resistência que passa pela sala de aula.⁶ Nikita se apresenta como educadora, militante e autora do projeto "Respeita a Nossa História", que visa compartilhar e promover o conhecimento sobre a cultura indígena. Durante a entrevista, relata sua experiência de viver no contexto urbano e o constante questionamento das pessoas sobre essa escolha. Explica que saiu de sua aldeia aos 10 anos e foi adotada por um casal em Valinhos, São Paulo, e, desde então, enfrenta dificuldades em relação à sua identidade indígena e aos

⁶ A transcrição da entrevista, o texto e o audiovisual produzidos por Naomi Akimoto Iria podem ser encontrados na íntegra no Portal GMEPAE: <https://gmepae.com.br/acervo/um-pe-aqui-o-coracao-la-experiencias-de-uma-mulher-indigena-no-contexto-urbano/>

documentos de identificação pessoal oficiais. Por causa disso, encontrou obstáculos para ser matriculada na escola e encontrar emprego. Ela descreve a falta de conhecimento e compreensão das pessoas em relação às comunidades indígenas, o que torna sua vida na cidade ainda mais desafiadora. Apesar das adversidades, Nikita enfatiza a importância de resistir para existir e busca compartilhar sua história e seus conhecimentos por meio de palestras e aulas em escolas e universidades. Ela destaca a necessidade de acompanhar as histórias e as culturas indígenas, promovendo um diálogo intercultural. Nikita também menciona a importância de preservar os ensinamentos dos pais e o papel significativo que eles desempenham na formação de identidade. Nikita afirma que é necessário superar estereótipos e desconhecimento e destaca a importância de ensinar sobre a cultura indígena de maneira real e significativa, apresentando, por exemplo, elementos genuínos, como grafismos, pinturas corporais e ervas medicinais e a presença de pessoas indígenas como palestrantes ou professoras, o que pode trazer uma perspectiva real e permitir que os alunos tenham uma compreensão mais profunda e genuína das histórias e das culturas indígenas. Nikita compartilha com Naomi sua paixão pelo projeto "Respeita Nossa História" e discute sua experiência ao dar palestras em salas de aula. Ela destaca a curiosidade das crianças e como elas estão ávidas por conhecer a história indígena. Ela cita como exemplo a história de uma criança que tinha medo dos indígenas por causa das informações equivocadas transmitidas por seus pais, e ressalta que ensinar às crianças a verdadeira história é o principal caminho para superar os estereótipos. Ela também discorre sobre sua relação com a arte e como muitos indígenas no contexto urbano dependem da arte como meio de subsistência. Ela menciona seu trabalho de costura, venda de camisetas e suas aulas de corte e costura em uma empresa, cujo dinheiro é enviado para ajudar sua aldeia, e destaca a importância de apoiar e fortalecer a comunidade por meio de projetos de sustentabilidade. Quando questionada sobre sua relação com a aldeia, Nikita menciona que normalmente visitava sua aldeia várias vezes por ano e lembra da presença de escolas que considera maravilhosas em sua aldeia. Ela também compartilha com Naomi sua visão crítica sobre a forma como a sociedade enxerga a natureza como mero lucro e não valoriza sua importância intrínseca e afirma que descolonizar a cidade é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, ressaltando a conexão profunda dos indígenas com a natureza, sua compreensão íntima dos ciclos naturais e a importância de preservar o meio ambiente para as gerações futuras.

Nikita nos conduz a um mergulho profundo em sua experiência como indígena no contexto urbano, revelando questões essenciais sobre sua identidade, luta, relações com a arte

e conexão com sua aldeia. Ela ofereceu a Naomi - e a todos que queiram ter acesso à sua entrevista - uma perspectiva valiosa sobre a vida indígena no contexto urbano, ressaltando a importância da educação intercultural, do respeito pela cultura indígena e da proteção da natureza. Ao entrevistar uma pessoa como Nikita, a estudante de Arte teve a oportunidade de expandir seus horizontes e obter uma compreensão mais profunda das experiências e perspectivas indígenas, vivenciando em primeira mão a riqueza e a complexidade das culturas indígenas. Essa experiência pode enriquecer o trabalho do futuro professor de arte, permitindo-lhes desenvolver abordagens mais inclusivas, sensíveis e respeitadas em relação à diversidade cultural, e despertar uma maior consciência sobre as lutas e desafios enfrentados pelos indígenas no contexto urbano, incentivando a busca por necessárias mudanças sociais e políticas.

Silmara de Fátima Cardoso

Em entrevista realizada em 2020, por Amanda Ghiraldini Franco, Helena Kozlakowski Patrício e Henrique de Souza Miranda⁷, Silmara de Fátima Cardoso, do povo Guajajara, aborda a importância da valorização da cultura e história dos povos indígenas na educação, apresentando sua experiência como professora indígena, e discute as dificuldades enfrentadas pelos educadores não indígenas ao tratar desses temas. Silmara destaca a necessidade de se reconhecer a diversidade cultural dos povos indígenas e de se respeitar suas tradições e formas de conhecimento. Ela defende que a educação deve ser um espaço de diálogo intercultural, em que os saberes indígenas sejam valorizados e incorporados ao currículo escolar. Silmara também aborda o papel do professor indígena na educação, destacando sua importância como mediador entre a cultura escolar e a cultura indígena, enfatizando que é fundamental que eles tenham formação adequada para exercer essa função. Algumas diretrizes são sugeridas por Silmara para educadores não indígenas no tratamento desses temas. Entre elas, estão: evitar estereótipos e generalizações sobre os povos indígenas; respeitar as diferenças culturais; valorizar os saberes tradicionais; e promover o diálogo intercultural e o respeito à diversidade cultural.

⁷ A entrevista resultou no texto “Educação indígena: história falada é história contada”, publicado no livro **Acervo de múltiplas vozes [recurso eletrônico]: narrativas de experiências com Arte e Educação (vol. 1)**, organizado por mim, em 2021. Os autores sistematizam eixos de reflexão histórica e teórica sobre a questão indígena e expõem diferentes abordagens educativas deste universo cultural. O livro pode ser baixado gratuitamente no Portal de Livros Abertos da USP. <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/668>.

O vídeo produzido pelos estudantes a partir da entrevista com Silmara está disponível no Portal GMEPAE <https://gmepae.com.br/acervo/artefatos-culturais-indigenas-por-silmara-guajajara/>

Os assuntos tratados por Silmara Guajajara na entrevista aos estudantes de licenciatura em Artes Visuais são de extrema importância para a formação de professores de arte, artistas, educadores e demais profissionais que atuam nas áreas de arte, educação e cultura. Silmara não apenas afirma a necessidade de valorização e respeito às tradições e formas de conhecimento dos povos indígenas na educação escolar, como demonstra como incorporar de forma orgânica e não estereotipada esses temas ao currículo e às práticas pedagógicas. A entrevista também coloca luz sobre o papel do professor indígena na educação, um tema relevante não apenas para os profissionais que atuam em comunidades indígenas, mas também para aqueles que trabalham em contextos urbanos. A mediação entre a cultura escolar e a cultura indígena pode ser aplicada em outras situações em que há conflitos culturais ou diferenças entre os saberes tradicionais e os conhecimentos acadêmicos, de modo que a discussão sobre a importância da valorização da cultura e história dos povos indígenas na educação é relevante não apenas na formação de professores de arte, mas também na formação de artistas, pesquisadores, críticos de arte, curadores, historiadores e demais profissionais que atuam na intersecção entre arte, educação, cultura e sociedade. Ao reconhecer a diversidade cultural e valorizar as tradições e formas de conhecimento dos povos indígenas, esses profissionais podem contribuir para uma produção artística e cultural mais inclusiva e democrática.

Considerações finais

A presença da História Oral no contexto de formação acadêmica promove uma aprendizagem conectada com o tempo presente, cria agenciamentos poderosos entre pessoas, contribui para a desconstrução de estereótipos arraigados e a valorização de diferentes culturas, grupos étnicos e movimentos sociais. Ao incentivar a realização de pesquisas relevantes para a sociedade e a produção de fontes primárias genuínas, a História Oral oferece condições concretas para a elaboração de currículos de arte inclusivos, plurais, democráticos, interculturais e antirracistas.

Estudantes que passaram pela experiência de realizar um projeto de História Oral, tendo a oportunidade de ouvir narrativas de vida de mestres, artesãos, migrantes, pessoas indígenas e quilombolas, pessoas com deficiência, educadores que trabalham em contextos não acadêmicos; artistas periféricos, pessoas LGBTQIA+, entre outras vozes, tornaram-se capazes de valorizar tradições artísticas e códigos estéticos diversificados presentes na constituição das artes e culturas brasileiras e nas comunidades locais, são omitidos nos

currículos escolares e universitários. Esses estudantes passam a se interessar em conhecer as experiências de vida e os universos culturais de outras pessoas, incluindo membros das comunidades escolares ou dos locais em que vivem, trabalham ou realizam estágio, melhoram sua capacidade de escuta e atenção, desenvolvem empatia e sensibilidade para as questões humanas, abrem-se para o diálogo intercultural e a valorização da diversidade como um patrimônio coletivo a ser preservado e celebrado e passam a ver a aula de arte como espaço potencial para a realização deste propósito.

Referências

- ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 3a ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R. (org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: Ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- MATTAR, Sumaya. Acervo de múltiplas vozes [recurso eletrônico]: narrativas de experiências com Arte e Educação (vol. 1), São Paulo: ECA/USP, 2021. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/668>.
- _____, Sumaya (Org.). Acervo de múltiplas vozes [livro eletrônico]: narrativas de experiências com Arte e Educação (vol. 2), São Paulo: ECA-USP, 2022. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br>.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2022.
- MIGNOLO, Walter D.. Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- PORTAL GMEPAE <https://gmepae.com.br>
- ACERVO DE MÚLTIPLAS VOZES: REGISTRO, PRESERVAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS COM ARTE E EDUCAÇÃO (Repositório de pesquisa). <https://gmepae.com.br/acervo-multiplas-vozes/>